



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

O corpo negro e os discursos científicos do século XIX na obra cinematográfica “A Vênus Negra” (2010)

João Lucas Fagundes Versiani Gusmão, Helen Ulhôa Pimentel, Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos, Amanda Muniz Oliveira, Ana Paula Jardim Martins

Introdução: A amplitude dos novos campos historiográficos e as novas possibilidades de fontes revelou-nos uma gama de realidades até então desconhecidas. A Nova História cultural está preocupada centralmente com a diversidade de objetos e a alteridade entre sociedades e nas relações entre os sujeitos. Com essa abertura a história cede espaço às “aventuras do corpo” que passa a ser objeto de estudo na década de 1970 devido algumas mudanças culturais como a revolução sexual e a “permissividade” em geral, o capitalismo consumista, as críticas acumuladas pela “contracultura” [1] e a algumas importantes publicações como a “História da Sexualidade” por volta dos anos 1960 e 1970, expressa pelas preocupações do presente e que irão marcar a história do corpo, que vem ganhando um maior destaque por meio da mídia. Diferentes áreas do conhecimento começaram a dar uma maior ênfase à cultura e depois, ao cinema. Uma delas foi a história, pela qual, novas formas de saber e conhecer a sociedade vem se tornando cada vez mais disseminadas. A partir dos anos 70, o cinema, elevado à categoria de “novo objeto historiográfico”, é, definitivamente, incorporado dentro dos domínios da chamada História Nova [2]. Mas segundo Valim, foi somente a partir da década de 1990 que alguns historiadores passaram a abordar e a problematizar consistentemente os meandros dos processos entre a emissão e a recepção de filmes [3]. As novas abordagens possibilitaram a leitura cultural de muitos elementos, antes deixados de lado, inclusive na leitura fílmica. Destaca-se as diversas análises possíveis a partir da história cultural, a “leitura cinematográfica da história” vem se tornando cada vez mais popular. É comum encontrarmos a expressão “Nova história cultural”, a lembrar que antes teria havido uma velha, antiga ou tradicional “História Cultural”, nessa perspectiva a leitura histórica do cinema estaria na linha da “Nova história cultural”. Tendo em vista as novas abordagens que a historiografia se propõe, pretende-se analisar a representação do corpo da Vênus Hotentote, de forma a destacar os discursos científicos do século XIX que a constituem enquanto sujeito e os discursos da mídia que a elegeram como objeto de uma produção cinematográfica. **Materiais e Métodos:** Fruto da produção de uma sociedade, o cinema vem a cada dia mais se tornando um objeto de análise mais autêntico. Os historiadores têm lançado questões sobre o cinema. Podemos observar que, há uma constante construção de uma leitura da sociedade a partir de filmes e mídias. Ele pode, portanto, ser uma importante peça nas transformações culturais, políticas, econômicas, que envolvem a vida contemporânea, não servindo apenas para entretenimento. Com a utilização do cinema pela história, surge a questão da utilização do mesmo enquanto documento. O cinema faz parte de um conjunto de fontes audiovisuais e pode se tornar bastante desafiador no que se diz direito ao trabalho metodológico. Destarte, também possibilitando veicular representações do passado, que é objeto da história, se apresenta enquanto fonte por excelência. Em seus textos, Pierre Sorlin lembra que não devemos simplificar a interpretação do filme a apenas “assistir filmes”. Devemos compreender suas especificidades, a relação do filme com o seu presente e com o período que deseja representar. O presente trabalho tem como fonte a obra cinematográfica “A Vênus Negra” (filme de origem francesa dirigido pelo diretor tunisiano Abdellatif Kechiche, com duração de 166 minutos. A personagem principal Sara Baartman é representada pela atriz cubana Yahima Torres. O filme começa contando a história do final, quando a genitália da Vênus, guardada em um vidro, e seu molde em gesso são apresentados numa conferência científica em Paris, 1815. Para os pesquisadores, aquele exemplar hotentote servia para estreitar as comparações entre homem e macaco e ratificar certa inferioridade sobre a raça. Em 1810, Sara deixa a África do Sul após ser vendida e é levada para a Europa. Existia em Londres um bairro onde eram apresentados shows de horrores com participações de anões, mulheres barbadas e outras atrações consideradas bizarras pelo povo na época, e Sara foi denominada por Vênus Hotentote, tendo um número próprio nessas feiras e circos. Ela se tornou uma atração famosa, vista quase como algo grotesco, com roupas que exibiam o seu corpo, ela ficava parte do show enjaulada, saindo da jaula para “atacar” o público, atuando como uma selvagem. Muitos espectadores gritavam obscenidades e a tocavam, o que deixava Sara visivelmente desconfortável. Depois de ser comprada pelo cientista Georges Cuvier, onde foi examinada durante três dias por cientistas do Museu de História Natural, ela aprofunda um vício em álcool, torna-se prostituta e é contaminada por uma doença venérea. Ela morre em Paris com 26 anos de idade. Após a sua morte, seu corpo foi dissecado e tornou-se propriedade do Museu de História Natural de Paris até a década de 1980 quando foi transportada para sua terra natal e enterrada. **Resultados e discussão:** A partir das representações de uma Vênus hipersexualizada, por um lado e de um povo que se encontrava na base da hierarquia civilizatória, por outro, podemos compreender os olhares dirigidos a Baartman em sua chegada à Inglaterra, em 1810. No alvorecer do século XVIII, uma série de transformações sociais inauguram um novo tempo frequentemente denominado de modernidade. Marcam o início deste novo período a Reforma Protestante, o Iluminismo e as Revoluções Burguesas, com destaque para a Revolução Francesa. Assentada em uma ideologia racional e



FÓRUM ENSINO • PESQUISA EXTENSÃO • GESTÃO FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27 setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

individualista, a modernidade é, por essência, homogeneizante, uma vez que todos devem dela participar. Para Hobsbawm [4], a modernidade insere a todos “no drama do progresso, a palavra chave da época: maciço, iluminado, seguro de si mesmo, satisfeito, mas acima de tudo, inevitável”. O nome Vênus Hotentote gera uma ambiguidade criando um estereótipo. De um lado, a imagem da Vênus é ligada a beleza, a deusa do amor, uma referência a Afrodite Kallipygus, ou Vênus Calipígia, a das belas nádegas, cuja representação mais famosa é o mármore romano pertencente ao Museu Real de Nápoles; e por outro lado a de um povo com estatura em média de 1,37 m e com nádegas protuberantes (esteatopigia), denominado hotentote pelos colonizadores holandeses da África do Sul desde o século XVII como uma espécie de onomatopeia que descrevia os sons de clique característicos de alguns dialetos africanos. “Hot-en-tot” significava “gago” e, segundo a definição do *Oxford Dictionary Online* (2013), designa “alguém de cultura e intelecto inferior”. Essa definição é compatível com a visão europeia predominante até o século XVIII que classificava os povos de acordo com graus distintos de civilização, algo que muda substancialmente no século XIX com a introdução do conceito de raça. Desta maneira, Paris era o centro da modernidade e dos estudos científicos da época e é para lá que em 1814 Sara é levada, vendida ao cientista Georges Cuvier, um dos profissionais mais renomados da época. Segundo a autora Janaína Damasceno, Sara, a Vênus Hotentote, deu um corpo à teoria racista moderna, pois após ser levada à França, Cuvier expôs o corpo negro da sua nova aquisição aos olhares dos cientistas europeus, que manipularam, mediram e analisaram cada centímetro de Sara. **Conclusões:** A autora Lilia Moritz Shwarcz diz que não havia um conceito de “raça” no século XVIII [5]. Falavam de ‘povos’ e ‘nações’ e jamais como raças diferentes em sua origem e conformação. A noção de “raça” emergiu nos finais do Séc. XVIII começo do Séc. XIX. Para Shwarcz, citando Stocking, quem introduziu o termo foi Georges Cuvier, com seu estudo sobre a Vênus Hotentote, inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos e universalizando ideias sobre o modo de ser da mulher negra. Estas ideias raciais mantêm um diálogo constante com a ideia de “civilização”, Mas as diferenças culturais são cada vez mais associadas à uma espécie de essência, ganhando força, portanto, o conceito de raça, e a ideia de um determinismo social. Com a definição do conceito de raça por Cuvier, apresenta-se uma certa reorientação intelectual, uma reação ao Iluminismo em sua visão unitária da humanidade. Com estes estudos científicos, vários estereótipos e imagens do outro são construídos principalmente aqueles relacionados aos negros. Há uma construção da iconografia de hipersexualidade da mulher negra. Surge também uma delimitação da diferença sexual entre os negros e brancos, a qual estabeleceu a sexualidade exacerbada da mulher africana, pronta para o consumo e por outro lado, o homem branco, como o oposto, sendo o padrão de normalidade e possuidor de uma prática sexual sadia. Os estudos sobre Sara e, portanto, sobre o corpo da mulher negra como anormalidade estão intimamente relacionados com o ideal de modernidade. Damasceno diz que “no momento em que o conhecimento científico torna-se a razão da modernidade é o corpo da mulher negra que serve para construir e solidificar o conceito de raça entre os cientistas”. Quando o discurso de autoridade constrói o conhecimento pautado no estereótipo, cria os regimes de verdade e legitima a perpetuação do imaginário acerca do negro. O corpo humano já fora analisado por autores como Norbert Elias, Marc Bloch, Lucien Febvre, Michel Foucault e mesmo Jules Michelet, no século XIX, mas Le Goff diz que o corpo continuou um objeto pouco estudado [6]. Apesar de ser um objeto de pesquisa recente, o corpo sempre esteve presente em todas as civilizações, e é um objeto histórico, pois “cada sociedade tem seu corpo, assim como tem a sua língua”[7]. A Vênus Hotentote virou símbolo na luta pelos direitos humanos, o governo sul-africano, após intensa negociação entre os governos de Nelson Mandela e de François Mitterand, Mandela exige a repatriação de seus restos mortais, tal fato sendo consumado apenas em 2002, quando o corpo recebeu recepção de chefe de estado e foi sepultado em sua tribo de origem. Sendo assim, o estudo sobre as representações do corpo de Sara no filme a “Vênus Negra” é de grande importância, já que os estereótipos construídos nessa época tem como ressonâncias os discursos sobre negros e afro-descendentes na atualidade.

Referências:

- [1] PORTER, Roy. História do corpo. In.: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 293.
- [2] LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos Objetos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- [3] VALIM, Alexandre Busko. História e cinema. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 283.
- [4] HOBBSAWM, Eric. *A era do capital - 1848/1875*. (Trad. Luciano Costa Neto). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.24.
- [5] SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 287p.
- [6] LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas; *História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 29 e 30.
- [7] SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.